

BUARQUE, Luisa. *As armas cômicas: Os interlocutores de Platão no Crátilo.* Rio de Janeiro: Hexis, 2011. 105 p.

Se um só qualificativo pode resumir o mérito principal deste título, esse será “estimulante”. Porque sendo sintético, escrito num tom leve e compreensível, dirigido decerto a um leitor que em muito excede o especialista em Platão, o livro é preciso sobre o tema que elege e sugestivo em relação a encadeamentos que o seu leitor não deixará de fazer. Em pouco mais de uma centena de páginas, Luisa Buarque desenvolve em síntese uma interessante discussão sobre a interlocução cultural dos diálogos platônicos e muito em particular o que, na Introdução com que prefaciam o livro, Rossella Cottone e Massimo Stella enunciam como “escritura platônica”. Na sua complexidade, o diálogo de gêneros e a interpelação à tradição que Platão tem como prioritários são ainda um campo aberto a inovadoras reflexões. É esse o propósito que anima também este livro.

Um prólogo metodologicamente essencial define, em termos gerais, as diversas questões por que se pode abordar a construção do diálogo platônico na sua perspectiva incontornável, a agonística. É numa interlocução interna e externa aos diálogos – a que confronta as personagens, e a que confronta o autor com interlocutores externos num propósito de discussão constante e construtiva – que o propósito agonístico se concretiza. Como gênero herdeiro de outros que o precederam, e atento a outros que lhe são concomitantes, elo numa cadeia que entrelaça a tradição cultural grega, o diálogo platônico revela um propósito de interlocução permanente com todo esse envolvimento cultural para encontrar o seu lugar próprio e inovador.

É nesse sentido que Luisa Buarque abre interlocuções diversas, com particular relevo para o drama. Porque afinal no diálogo platônico não é relevante apenas o sentido de luta, como o é também o de *performance*. Considerando tema e forma, a autora enuncia as estratégias mais visíveis nesse *agón*, que tende a ser também, no *Crátilo*, “espectáculo cômico”; conceitos como “paródia” ou “ironia” colaboram para o próprio ‘arsenal de comicidade’ que o título antecipa. Talvez pela sua importância para a análise que se segue, esses conceitos merecessem, sem desvio para a índole abrangente do livro, um aprofundamento e uma discussão um pouco mais alargada do que aquela que a p. 3 lhes consagra. Dada a valorização

do cómico como interlocutor privilegiado de Platão, alguma aproximação explícita com a comédia, quando se trata de estratégias agonísticas e paródicas, poderia igualmente ser bem vinda nesse prólogo; a escolha de interlocutores de excelência como condição para uma luta elevada, ou o sentido de utilidade que se sobrepõe à simples arte da controvérsia poderiam fundamentar desde logo essa aproximação. Essas são, no entanto, páginas a que, em termos abrangentes, não faltam – é preciso valorizá-lo – lucidez e clareza de propósitos.

Num primeiro capítulo – “O *Crátilo* dentro da obra platônica” – o texto em análise é valorizado como paradigma do diálogo que Platão trava com a tradição, ‘capaz de herdar e inovar, manter e reformar, reverenciar e criticar’¹. Uma passagem em revista sobre a discussão gerada pelo *Crátilo* e as diferentes correntes interpretativas que produziu, revela o bom conhecimento que a autora tem da bibliografia disponível e das principais linhas de força em que se organiza. Particularmente interessante parece ser a discussão gerada em torno da (in)compatibilidade das duas componentes essenciais, neste como em outros diálogos platônicos, a filosófica e a cômica. Como preâmbulo à própria posição que irá tomar, Luisa Buarque não hesita – e bem na minha opinião – em assumir como sua tese, mais do que a compatibilidade entre estas duas componentes, a noção de que o cómico é, neste diálogo filosófico, um factor verdadeiramente estrutural e intrínseco à sua concepção². E, passando a aprofundar a metodologia que propõe, avança com duas linhas de análise: 1. identificar os adversários de Platão no *Crátilo*; 2. estabelecer uma relação entre a comicidade do texto e a estratégia utilizada nesse ataque. São essas linhas de análise autónomas, sem deixarem de ser complementares, ou não seja a escolha das estratégias condicionada pela natureza dos alvos a atingir. Uma palavra mais explícita, neste momento, sobre a noção de ‘convenção cômica’ poderia dimensionar melhor o sentido de comédia que subjaz ao *Crátilo*, que não se cinge a uma interlocução com algum dos seus produtores, Aristófanes desde logo, mas com o perfil de um género de que este seria apenas um cultor.

Seguem-se os dois capítulos – “O *Crátilo* como guerra hiperbó-

¹ BUARQUE, 2011, p. 11.

² *Ibid.*, p. 45.

lica” e “O *Crátilo* como guerra cômica” – que de facto constituem o cerne da proposta, porque é neles que os tópicos prometidos vão ter o seu desenvolvimento. No primeiro, estão em causa os alvos que Platão pretende atingir. Conectar esse assunto com a paródia que é feita pela comédia aos “intelectuais” de uma forma um pouco mais sistemática poderia exemplificar melhor os pressupostos que aqui se defendem com agudeza e precisão. Além de Aristófanes, os fragmentos de comédia podem retocar a nossa ideia, se apenas nos apegarmos às peças conservadas, sobre a popularidade do ataque a poetas, sofistas, fisiólogos, dentro de contextos-modelo que vão sendo, por sua vez, repetidos. Os *Parasitas* (*Kólakes*) de Êupolis, por exemplo, uma comédia premiada em primeiro lugar no concurso a que se apresentou, mantém com o *Protágoras* – e talvez também com o *Crátilo* – uma articulação evidente, como crítica ao esbanjamento de Cálias na recepção, em banquetes faustosos, dos intelectuais mais em voga no momento e onde Protágoras poderia ter uma intervenção relevante. O próprio Aristófanes, antes de *Nuvens*, dedicou a tema afim a primeira das suas produções, *Daitales*, onde, por exemplo, a caricatura de uma terminologia diríamos ‘intelectualóide’ em moda, colada como uma pele a figuras concretas, pode ser um interlocutor privilegiado também para os conteúdos discutidos por Luisa Buarque.

Particularmente interessante é o capítulo terceiro dedicado às estratégias cômicas que Platão sem dúvida retoma da comédia, com relevância, desde logo, para um elemento muito convencional da criação cômica, o “nome falante”. Este é um elemento transversal em toda a literatura grega e que merece, de legítimo direito, a atenção que este livro lhe dedica. Como Luisa Buarque muito bem sugere, o nome falante não foi só uma estratégia praticada em diferentes formas de literatura, com principal destaque para a dramática, como mereceu, em diversos textos, uma reflexão. Dos vários exemplos que se poderiam citar, recordo o destaque que Eurípides, numa peça que, para muitos estudiosos, dificilmente entra nos cânones estritos do que se poderia chamar “tragédia” – *Helena* –, dá à relação entre *ónoma* “nome” e *sôma* “a pessoa” ou a realidade a que aquele se aplica, para, pelo desdobramento entre a verdadeira Helena (*sôma*) e o seu fantasma (*ónoma*), desenhar a incompatibilidade entre o nome e a coisa. Muito específico é também o paralelo que se poderia estabelecer entre o desajuste do nome do faraó do Egípto, nessa mesma peça de Eurípides, Teoclímeno (*Reverenciador*

dos deuses), tão incompatível com a cedência à paixão e à injustiça que é o cerne da sua actuação na peça, e o exemplo citado por Luisa Buarque, do *Crátilo*, 397b6³, de Teófilo, como nome de alguém que se mostra inimigo dos deuses. Alguns destes exemplos poderiam ampliar as páginas, agudas, que são dedicadas a um paralelo com *Nuems*, a referência mais óbvia para as questões suscitadas pelo *Crátilo*. Não se trata, na menção de outros paralelos evidentes, de pretender sublinhar ausências, num estudo que se afirma como sintético e global no seu propósito. Recordar quantas extensões a proposta pode sugerir é apenas a prova da sua riqueza e da interlocução que, também ela, estabelece com o seu leitor incentivado a uma atitude inter-activa.

Por fim, uma bibliografia bem seleccionada e alguns índices facilitam uma leitura aprofundada para além daquele que é o encanto imediato da consulta desse livro.

Maria de Fátima Silva
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Universidade de Coimbra

³ BUARQUE, 2011, p. 55.